



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

16 DE JANEIRO DE 1965
ANO XXI — N.º 544 — Preço

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENAL
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

Bodas de Prata

Alocução dos Padres da Rua na sessão

Esta consagração (1) escreveu-a Pai Américo em 56, no último Dia do SS.mo Nome de Jesus que festejou na Terra. A palavra que explica os 16 anos então consumados, toma-

DUC
IN
ALTUM

É nas águas profundas da Tua Graça, Senhor, que Te pedimos nos conserves.

Pequenos como somos, tememos os baixios da beira-Terra, que à nossa humanidade aparece como a imagem da segurança — e onde, afinal, o perigo é o maior.

Os Teus companheiros de Barca foram feitos para o mar. Nele, entre ele e o céu — duas grandezas que falam da Tua Infinitude — é que a nossa pequenez se transfigura e se transcende e, sem deixar de o ser, aprende, também, a falar de Ti.

Ali, soa a nossa hora do largar das redes. A pesca será Tua.

Obrigado, Senhor, pelos anos que nos deste. Obrigado pelo amor que concentraste em nós na data em que os recordámos.

E agora, se quiseres, conduz-nos mais ao largo e guarda-nos nas águas fundas da Tua Graça.

mo-la como herança preciosa — perene justificação do que os seus sucessores fizeram nos nove anos seguintes e devem prosseguir enquanto Deus quiser que este caminho seja percorrido.

Num mundo dominado pelo medo, a «Obra da Rua» tem sido um testemunho de infância, como de quem não adverte a complexidade do objecto que procura: o homem, o homem caído; e lhe oferece, como se fôra coisa natural, a oportunidade suprema para qualquer homem: a salvação.

Esta inadvertência, este jeito de «fazer coisas sérias como quem brinca», tem sido um capital maravilhoso que Deus doou a Pai Américo e ele fielmente fez render e nos ensinou a continuar.

«A nossa pobreza é a nossa riqueza». A nossa pequenez, a nossa força. A nossa insignificância, a causa da nossa audácia. A nossa debilidade, a fonte do nosso destemor.

Num mundo dominado pelo medo, ao longo destes 25 anos, não tivemos medo de nada nem de ninguém — como o menino mais pequeno que vai

(1) In «O Gaiato» N.º 543

Continua na QUARTA página



Os primeiros gaiatos — José, Mário e Aristides — são, hoje, três homens.

Em Miranda do Corvo

Realizou-se no passado Domingo 3, a festa simples mas significativa das Bodas de Prata da Obra da Rua.

Depois de intensivamente nos esforçarmos para que tudo corresse à altura chegámos finalmente ao dia esperado. A manhã foi para fazer os últimos preparativos.

Ao meio dia sentámo-nos todos na sala para o almoço, alegremente com a companhia de alguns irmãos gaiatos que nesse dia não quiseram esquecer a Obra que os lançou para a vida.

Depois do almoço decorreu o previsto desafio de futebol entre os antigos e os presentemente grandes. Enquanto se foi arrumando o refeitório tiraram-se algumas fotografias às duas equipas rivais.

Continua na SEGUNDA página

EM PAÇO DE SOUSA

Para aqueles que têm o verdadeiro sentido do que realmente é a Obra da Rua, o dia 7 de Janeiro de 65, jamais poderá ser esquecido. Fez precisamente 25 anos que Pai Américo deu os primeiros passos para fundar a sua Obra. A sua paixão pelo irmão pobre e abandonado, permitiu que, embora sem recursos

materiais, mas apenas confiando na Providência Divina, a primeira Casa do Gaiato surgisse. Dado o primeiro passo e vencidas as primeiras dificuldades, Pai Américo prosseguiu a sua caminhada salutar e vitoriosa. Ano após ano, a Obra foi crescendo. E hoje, graças a Deus, são já 11 o total das Casas e Lares do Gaiato, duas das quais no nosso Ultramar e o «Calvário» para os doentes pobres incuráveis.

25 anos passaram. Ao longo deles, muita coisa se fez e muito ficou por fazer. Somos uma Obra pobre que, na medida das suas possibilidades, procura dar abrigo aos rapazes abandonados; recolher os doentes com a mesma sorte. Para isso, existe o «Calvário» que se situa em Beire-Paredes. Construíram-se casas, embora modestas, para aqueles que, julgamos nós, delas precisam, etc. E donde nos vem o dinheiro para que tudo isto se opere?! Não sabemos, nem queremos saber. A fé e a confiança ilimitada em Deus permitiu realizar tudo isto e a mais, sem pensarmos de que maneira será pago. Claro que não demos valer a todos os Pobres do nosso Portugal! Por isso disseram que muito se fez e muito ficou por fazer. Mesmo assim, estamos satisfeitos com tudo o que fizemos. Insatisfeitos pelo que não fizemos.

As Bodas de Prata, foram solenemente comemoradas. A manifestação de acção de graças pelos benefícios incalculáveis que recebemos ao longo destes 25 anos, foi celebrada.

Continua na TERCEIRA página



Nas escadas da capela da nossa Aldeia o numeroso grupo de Amigos presentes às comemorações das «Bodas de Prata».

Bodas de Prata

MIRANDA DO CORVO

Cont. da PRIMEIRA página

Seguidamente a uma lavadela do corpo, já com suor das corridas da tarde, foi a parte central e solene das nossas simples cerimónias.

Às 16 horas chegou o Sr. Arcebispo de Coimbra que começou com a bênção do Cruzeiro de granito situado no largo fronteiro à nossa Casa. Seguiu-se missa campal no largo do cruzeiro em acção de graças por tantas bênçãos com que a Obra foi cumulada nestes 25 anos. Foi celebrante o Sr. Arcebispo, estando presentes todos os Padres da Obra, alguns chefes das outras Casas, pessoal dos arredores e amigos.

Durante a Santa Missa, o Carlos Manuel e a Maria Helena realizaram o seu enlace matrimonial. Que Deus vos ajude e que Ele reine nos vossos corações são os votos sinceros deste vosso irmão gaiato.

Depois foi lida a homilia do nosso Prelado, da qual destacamos os seguintes trechos:

«Vimos todos nós aqui e aqui nos encontramos para, junto do altar do Senhor, recordar, reviver e comemorar um acontecimento verdadeiramente extraordinário e notável, ocorrido há vinte e cinco anos, que havia de ter largas repercussões e consequências sobremodo benéficas na alma da juventude de Portugal.

Vimos para celebrar as Bodas de Prata da providencial fundação pelo querido e saudoso Padre Américo, deste primeiro Lar do Gaiato — a que tantos outros haviam de seguir-se — este Lar de Miranda do Corvo, por onde tantos e tantos rapazes têm passado, de há vinte e cinco anos para cá, a receber fartamente o pão do corpo e o pão do espírito e a fazerem-se homens e cristãos, quase sempre modelares, que são hoje elementos sadios e presentes no nosso meio social.

Demos graças, fervorosas graças a Deus pela inspiração que deu, pelos grandes dotes de que exornou o santo fundador desta Obra magnífica a que deu todos os seus ta-

lentos, todo o seu coração, toda a sua alma, a sua vida toda, podendo repetir com todo o fundamento, perante os seus rapazes aquelas tão conhecidas palavras do Apóstolo S. Paulo «impendam et super impendar ipse pro animabus vestris» (1), quero dar-me inteira e totalmente pelo vosso bem.

Bem quisera o vosso Bispo, nesta grande hora, dirigir-se-vos pessoalmente, em palavras vivas e transbordantes para se congratular convosco por esta felicíssima ocorrência das Bodas de Prata da fundação desta Obra magnífica que, dia a dia, cresce e alarga o seu raio de acção, benéfica e reconfortante, aos olhos dos homens e aos olhos de Deus.

QUERIDOS NOIVOS

Por notável e impressionante coincidência vós estais aqui nesta hora, tão bela e tão grande, para a solene constituição do vosso lar.

Vós sois aqui, por especial maneira, alvo das atenções de todos os circunstantes.

O noivo é filho desta casa, um filho espiritual do querido Padre Américo que, por sinal, lhe foi confiado pelo Snr. D. António Antunes — meu saudoso e santo predecessor — para que o querido fundador desta Obra lhe desse os primeiros e decisivos impulsos que o levassem a crescer sempre no bem e na virtude.

A noiva é uma jovem, vinda das fileiras da Acção Católica da Diocese de Aveiro onde sempre trabalhou pela difusão do Reino de Deus.

Mas, por coincidência mais notável ainda e ainda mais impressionante, estes noivos vêm aqui constituir o seu lar na admirável quadra litúrgica que é a quadra do Natal, quer

Visado pela
Comissão de Censura

dizer, quando a Santa Igreja soergue perante os olhos do nosso espírito o espectáculo dum lar que é indubitavelmente o primeiro, o mais nobre dos lares, o suave e santo lar de Nazaré — o lar que deu ao mundo Aquele que não é apenas o mais puro, sapiente e perfeito e santo de



A casa para os mais velhos, com quartos individuais, inaugurada em Miranda do Corvo.

todos os homens, mas, ao mesmo tempo, verdadeiro Deus — o Filho de Deus revestido da pobre carne humana — o Filho de Deus feito homem no Mistério admirável da Encarnação, para redenção e salvação do mundo inteiro.

Temos assim que Deus, na hora em que se propunha salvar o mundo, então envolto na densa treva de tantos erros, afundado na lama de tantas torpezas e abjecções, quis começar pelos lares a Sua Obra de redenção e de vida.

Começou por dar ao mundo o espectáculo surpreendente dum lar modelo que servisse de exemplo e de ideal a todos os demais.

Ele que, como ninguém, conhecia essa Obra prima do pensamento e do coração de Deus, que é a Família, sabia perfeitamente que, por via de regra, é a família que salva e é a família que perde, para

o tempo e para a eterna vida.

Sabia que famílias boas são verdadeiros oásis onde desabrocha, viceja e rescende a mais bela florescência de virtudes individuais, domésticas e sociais.

Sabia que famílias pervertidas são verdadeiras sepulturas de virtudes, focos de degenerescência social, onde germinam e pululam misérias de toda a ordem. Sabia que, normalmente, sem famílias boas, não pode a Pátria ter bons cidadãos nem a Igreja bons filhos, nem santos o Paraíso.

trato — o mais nobre contrato da vida humana, elevado à condição de Sacramento — um dos sete Sacramentos da sua Igreja, — Sacramento de tamanha nobreza, e tamanha grandeza, pelo que é, pelo que significa, e pelo que garante e realiza, que o apóstolo S. Paulo não duvidou apelidá-lo de grande entre os demais — Magnum Sacramentum.

QUERIDOS NOIVOS

Vivamente vos felicito porque quisestes vir aqui constituir o vosso lar, sabendo que o matrimónio não é, como tantos pensaram e pensam, uma instituição destinada somente a garantir a felicidade terrena e temporal dos que a constituem. É sim uma instituição natural — e para os cristãos uma instituição elevada à ordem sobrenatural e à dignidade de Sacramento — destinada primariamente a isto: — a assegurar a perpetuação legítima da raça humana sobre a face da terra, a assegurar a grandeza das Pátrias pela grandeza das famílias, e sobretudo a dar ao Corpo Místico de Cristo novos e gloriosos membros que possam um dia viver sem fim na posse da felicidade perfeita, nesse lar de infinita beleza, de infinita perfeição, de infinita santidade e felicidade inexcedível, que é o Lar da Trindade Santíssima, isto é, da Divina Família que é a Família do Pai e do Filho e do Espírito Santo, cuja posse perfeita, depois de muitos anos passados na terra, vos desejo a vós, queridos noivos, e a quantos vos são queridos agora e no futuro e designadamente a quantos formam em torno de vós, nesta hora soleníssima, larga coroa de honra e aqui se encontram também para convosco celebrar as Bodas de Prata desta primeira Casa do Gaiato — ampliada com mais um pavilhão, destinado aos mais velhos, sobre o qual vou implorar, dentro de instantes, as bênçãos de Deus — e para evocar e glorificar a querida memória do seu benemérito fundador — o nunca esquecido, o sempre lembrado Padre Américo».

(1) 2 Cor. XII, 15

À Santa Missa, seguiu-se a inauguração de um pavilhão de quartos individuais para os mais velhos e de um painel da Sagrada Família que se encontra na Casa Mãe.

No final foi servido um lanche familiar. Os noivos e respectivos convidados foram para uma sala e os rapazes para o refeitório. As senhoras, atarefadas, trabalhavam na cozinha. No refeitório, Crisanto impunha a ordem. Os serventes (eu era um deles) sempre dum lado pró outro porque «traz canja», «falta aqui bolo», «leva isto daqui para fora». Claro, cada qual pedia



O ACTO CENTRAL DAS COMEMORAÇÕES

«Nós somos hoje uma palavra nova que se levanta em Portugal», disse Pai Américo há vinte anos. E o «acto central das comemorações das Bodas de Prata» — reunião dos Gaiatos mais conscientes com os Padres da Rua — no «Calvário» de Beire, em 5 do corrente, não só confirma como actualiza aquela expressiva afirmação de Pai Américo.

Foi um dia grande! Tão grande e tão cheio que não temos palavras nem espaço suficientes para desenvolver no Famoso quanto vai em nossa alma.

Antes, porém, da reunião fomos à Capela — espigueiro do Pão Vivo — invocar o Espírito Santo. Celebrou Missa o Sr. Padre Manuel, cuja homilia serviu de meditação para todo o dia.

O «parlamento» foi no salão de festas. Não houve «agenda», nem temas ou assuntos pré-ordenados. Sim, um único objectivo largamente debatido — o caminho da perfeição de vida dos obreiros, na vida da Obra.

Abriu a reunião o Sr. Padre Carlos que, referindo-se ao enquadramento da Obra da Rua no seio da Igreja — «nós somos da Igreja» — acentuou que «a abertura das Casas de Africa deu-nos uma dimensão nova». Focou, depois, a nossa divisa — «de rapazes, para rapazes, pelos rapazes» — e comentou as «Constituições», súpula do «que temos sido durante 25 anos... para os vindouros saberem o espírito de Pai Américo», afirmando que os «Padres da Rua» são «motor de arranque», competindo-lhes «desaparecer para o rapaz aparecer». Pois «caminhamos certos no pensamento de Pai Américo na medida em que os padres recuarem e se apagarem». Por último, realçou a experiência da total doação de dois casais obreiros (Américo e Fernando Dias, ora nas Casas de Benguela e Malanje, respectivamente) expressão eloquente de vitalidade da Obra e corolário das linhas mestras traçadas por Pai Américo.

O ambiente aqueceu. E levantou-se o Ernesto Pinto, de Setúbal. Abordou a última — e principal — parte da nossa divisa — «Pelos rapazes» — tema que prendeu a atenção da assembleia. Pois a Obra, sendo pelos Rapazes, deve ser vivida por todos, sobretudo pelos mais velhos, pelos mais conscientes; sublinhando a necessidade imprescindível de cada um reforçar mais e mais o contacto com o Senhor, para darmos às comunidades um verdadeiro testemunho de Cristo.

Na sequência do pensamento do Ernesto foram, depois, tocados — com a maior liberdade de expressão — pontos de muito interesse, desde a iniciativa à acção dos chefes por direito próprio, no plano disciplinar.

Seguiu-se o cronista desta resenha, considerando o poder da Graça na vida dos chefes ou maiores — reflectindo assim a opinião do Ernesto — e ocupando-se também, de assuntos da vida de trabalho, com proveito para todas as oficinas.

O diálogo generalizou-se. Intensificado, ganhou vibração: somos elementos activos, não passivos. Usou, então, da palavra, o Crisanto, de Coimbra, com um testemunho sobre a grande responsabilidade do maioral de um Lar e os problemas inerentes à vida dos irmãos que estudam e trabalham na cidade, no comércio e indústria. E a Graça permaneceu ainda, como tema vivo e palpante.

O Cândido, do Tojal, contribuiu, também, com uma achega para o diálogo. Lembrou a sua e nossa condição de ex-«lixo» da rua. Quanto devemos à Obra que nos fez homens! E a propósito de trabalho apostólico no seu meio, a assembleia manifestou a opinião de como as qualidades humanas do chefe são, também, imprescindíveis na formação dos irmãos, visto as nossas oficinas serem, por natureza, escolas de futuros operários.

Após o Cândido, tomou lugar na mesa o Joaquim

Oliveira. Expôs o seu parecer com serenidade, característica da sua maneira de ser. Tratou, em síntese, da Caridade na vida de relação com os irmãos. Generalizado o tema, com a maior elevação, foi desenvolvida a pedagogia original de Pai Américo sobre o equilíbrio na maneira de castigar os faltosos. Em consequência, veio à baila o valor da amizade entre os elementos comunitários, salientando o Sr. Padre Carlos que «a amizade entre nós é um dom de valor incalculável». Mais; que «esta amizade não se improvisa e não é nada fácil», sendo, no entanto, «a melhor arma de conquista e de cura», na mão dos chefes. A assembleia vibrou com os argumentos e quanto ao exemplo dos chefes, comentou: «para que os irmãos venham a nós temos de merecer. Para sermos condutores temos de ser «automóveis» de nós mesmos». Então, o Joaquim Gomes levantou o problema do respeito humano — fraco da nossa malta, e até mesmo como crise de personalidade entre os homens d'hoje. Focou o exemplo de vida de Pai Américo, o Sr. Padre Carlos lamentou, a propósito, «que os muitos bons não rendam na proporção da sua bondade», reconhecendo-se, na generalidade e em conclusão, a necessidade de uma forte reacção, e sobretudo, de uma grande firmeza de Ideal.

O colóquio foi encerrado pelo Bernardino. Versou a indispensável união entre os chefes e a falta de explicação da pedagogia da Obra às comunidades, que deve ser já incutida aos batatas para que, depois, mais maduros, entendam e compreendam, em toda a sua extensão, o verdadeiro «sentido de ser obreiro».

Em síntese, foi esta a matéria versada na reunião, onde o espírito de Família se evidenciou.

«Nós somos hoje uma palavra nova que se levanta em Portugal». É verdade, Pai Américo! Fôsemos um asilo, um reformatório; adoptássemos «velhos processos» em vigor «em outras obras de assistência» e seria possível uma magna assembleia, entre pais e filhos, como mais esta, em Beire? Não e não!

Saibamos, pois, — todos e cada um — ser pedras vivas. E apliquemos, com a maior firmeza, os votos e conclusões deste encontro salutar que, não há dúvida, foi realmente o «acto central das comemorações» — pela sua repercussão no seio da Obra.

Júlio Mendes

o que faltava e nós como fomos para servi-los — não fizemos mais que a nossa obrigação. Mas no fim também lhe chegámos!

Queremos agradecer aos nossos amigos tudo o que nos enviaram para que a nossa festa corresse o mais alegremente possível e tenho impressão que mais alegre, mais bem festejada do que foi, não podia ser.

Antes de a malta abandonar o refeitório os três primeiros gaiatos falaram aos novos:

O Aristides

«Não devia ser eu o primeiro a falar porque sendo dos três primeiros a entrar na Casa do Gaiato não sou o mais velho.

Este é o dia mais feliz da minha vida. Vocês não calculam o que eu sinto a recordar neste dia, vinte e cinco anos após, aquele 7 de Janeiro de 1940. Dia pardacento!... Pai Américo trouxe-nos os três!

Sentou-nos à mesa com Ele! Mesa boa e limpa a que não estávamos habituados! Pai Américo encheu-nos de carinho! Ele todo era bondade para nós.

Eu sinto hoje uma alegria enorme porque vos vejo hoje a todos nesta Casa, a vós os que ainda estais dentro e todos os que já vos encontrais na vida! A Obra do Pai Américo tem uma beleza extraordinária que é necessário que nós apreciemos e aumentemos. Que nenhum de nós deixe de dar bom testemunho da Obra do Pai Américo! E nós temos responsabilidade nisso.

O que sou hoje devo quase tudo à Casa do Gaiato. Nunca mais esquecerei o que Pai Américo me ensinou.

Neste dia eu peço a todos vós rapazes que trabalheis e vos esforceis para que a Obra do Pai Américo não desapareça mas seja cada vez maior e mais grandiosa!»

O José

«Foi naquela tarde cinzenta, fria e chuvosa do dia 7 de Janeiro de 1940, que esta santa e humilde Casa foi invadida por 3 corpos franzinos e com falta de carinho e conforto.

25 anos depois! Que saudades sinto em mim desse tempo, que para nós tudo o que víamos era um sonho.

Que saudades do tempo em que Pai Américo brincava connosco correndo, cantando, e acarinhando-nos por toda esta Quinta.

Que saudades dessa mesa sempre tão farta e cheia.

Talvez não acreditem, mas até dos castigos por ele aplicados eu sinto saudades. Quem me dera que eu pudesse hoje castigar minhas filhas

Continua na QUARTA página

PAÇO DE SOUSA

Continuação da PRIMEIRA página

pelo Senhor Arcebispo de Cízico em representação de sua Eminência o Sr. Cardeal Patriarca. Assistiram ainda diversas individualidades, nomeadamente os Srs. Bispos Auxiliar do Porto, Aveiro e Coimbra; representante do Ministro da Saúde e Assistência; Governador Civil do Porto; Dr. Martins de Carvalho, Dr. Melo e Castro, Dr. Braga da Cruz e muitos Amigos bem vinctados da Obra.

A homilia, o Senhor Arcebispo salientou o bem que a nossa Obra tem feito e mostrou desejos de que ela se expanda cada vez mais. Terminada a Santa Missa, tivemos uma sessão familiar.

Uma gravação feita precisamente há 20 anos, e que foi por nós conservada, permitiu que fosse Pai Américo a abrir a sessão: «A nossa Obra nasceu pequenina como é próprio das coisas destinadas a ser grandes...» Após Pai Américo, falou o Sr. Padre Carlos, cujas palavras transcrevemos noutra local.

Um velho amigo de Pai Américo — Senhor Padre Garrido — quando testemunhava o seu apreço pela Obra e a sua admiração por Pai Américo, disse:

«...A Obra da Rua é fruto duma alma de Padre extremamente rica. Ou por outras palavras: A Obra da Rua é fruto duma vida interior intensa. Auténtica!...»

«...A Obra da Rua não se situa num plano meramente natural. Não se situa numa acção meramente social! Não. Tudo é fruto de vida interior. Fruto da acção de Deus nela...»

Seguidamente falou o Senhor Dr. Martins de Carvalho, que afirmou:

«...Estamos aqui a prestar homenagem a 25 anos de vida vitoriosa. Eu vejo o Padre Américo como um homem extraordinário! Como um Apóstolo de Caridade, numa época de transição...»

«...Para coroar a sua Obra, fez o Calvário, mostrando bem claro que Deus é a solução, mesmo para aqueles que já não têm solução. A Obra do Padre Américo, atinge o seu mais alto estágio no Calvário».

Por fim, falou o Sr. Arcebispo, que depois de manifestar o seu apreço e admiração pelos Padres da Rua, disse:

«...Eu creio que a Obra da Rua vai continuar a ser amparada, auxiliada por todos quantos a estimam. Não somos só nós que estamos aqui. Há tanta gente por esse Portugal fora que tem um amor extraordinário à Obra do Padre Américo! Se há alguns que passam de lado e não ajudam, outros há que hão-de ajudar!...»

Encerrada a sessão pelo Senhor Arcebispo, dirigimo-nos para o refeitório, onde nos foi servido um apetitoso almoço que decorreu num ambiente de alegria e satisfação.

Por tudo isto, damos graças a Deus.

Fausto Teixeira



A Igreja e a Autoridade civil comungaram da nossa alegria, nas cerimónias em Paço de Sousa.



Alocução dos Padres da Rua na sessão

Cont. da PRIMEIRA página

pela mão de Jesus, a realizar com Ele o que o Pai Lhe destinou fazer e Ele quer repartir conosco.

A Verdade é toda, e só, a Luz que desejamos seguir. Por isso, perante aquilo que não é a Verdade, embora incarnado em hábitos e em estruturas solidificadas pelo tempo e solidárias com os homens — a «Obra da Rua»

MIRANDA DO CORVO

Continuação da TERCEIRA pág.

pelo mesmo processo que ele nos castigava.

Pai Américo... Homem que tanto sofreu, que tanto frio passou, que tantos dissabores recebeu; Homem que tanto passou mas, com a Divina Graça de Deus tudo venceu e a sua Obra, que ele deixou incompleta, foi um grande passo para bem da humanidade.

Gaiatos colegas e amigos. Recordo com saudade uma das muitas frases ditas por Pai Américo: «Não há rapazes maus».

Sim, esta frase não foi dita pela primeira vez no filme que quase todo o mundo conhece. Esta frase foi dita aqui nesta Casa quando um dia vieram fazer queixa de mim e de outro gaiato. Dizia o queixoso que os rapazes desta Casa eram mal educados e maus.

Mas Pai Américo com essa frase tapou a boca a muitos.

Quantas obrigações não devemos nós ao nosso Pai Américo! Quantas obrigações não lhe devem os nossos pais! Nem talvez esses lhe saibam dar o valor. Mas quem é pai de 5 crianças como eu sou, quem tanta fome passou e que já viu seus filhos passar, então esses talvez saibam compreender o significado desta Obra.

25 anos depois, voltar a esta Casa é para mim uma alegria que só eu a posso descrever. Vir aqui recordar os melhores momentos da minha vida só eu posso saber o valor.

E ao terminar estas minhas palavras, eu lhe peço Senhor Padre Horácio, que dê a esta Obra o melhor do seu esforço para o engrandecimento desta Casa que eu considero para sempre a minha Casa».

O Mário

«Fiz 25 anos que entrei pela primeira vez nesta Casa, pela mão de Pai Américo, Homem generoso e bom, que fez seu Sacerdócio espalhando o bem pelos Pobres, pelos Doentes,

é como uma inconveniência de criança, «de cuja boca — diz a Escritura — tantas vezes brota a Verdade». E, porque as inconveniências de criança têm desculpa de criança, eis que os homens de boa vontade aceitam e perdoam... e vão pensando no que elas têm de Verdade.

Sim, ainda há muitos homens de boa vontade: Tantos quantos os humildes de coração! Os 25 anos da «Obra da Rua» dão-nos

por todos aqueles que necessitavam do seu auxílio, quer material quer espiritual.

Tendo sempre presente que aqueles que mais necessitavam do seu amparo eram os rapazes da rua, que entregues a si próprios, tantas vezes caíram no caminho do mal, do vício. Foi assim que surgiu a Obra da Rua.

Começaram a aparecer as primeiras Casas do Gaiato, indo o Pai Américo procurar os seus Gaiatos nos bairros pobres dos grandes centros urbanos.

Desta maneira me encontrou num quarto, onde vivia com meus pais e quatro irmãos, em princípio de convalescença duma grave doença.

Trouxe-me para esta Casa com mais dois companheiros, onde me rodeou dos mais ternos cuidados e solícitudes que ficarão para sempre gratos no meu coração.

25 anos passaram, e as crianças desse tempo, hoje são homens, e nenhum daqueles que por aqui passaram, podem relembrar esse tempo sem sentir saudades, sem se sentirem comovidos. Como nós crescemos, também a Obra do Pai Américo cresceu, frutificou, criou raízes.

Ela é testemunho de quanto pode a vontade ao Serviço do Bem.

Vou terminar estas breves linhas, precisamente lembrando a memória de Pai Américo que tão cedo deixou o nosso convívio. Depois desejo para aqueles que continuarem a sua Obra as maiores prosperidades e que possam continuar a trilhar o mesmo caminho de Pai Américo, dando sempre à sua Obra aquele sentido cristão que ele sempre se esforçou por dar».

Depois disto, alguns tiveram que se despachar porque os combóios não esperam por ninguém e no dia seguinte não podiam faltar ao serviço.

Os restantes foram para a nova sala de jogos; viu-se televisão. Foi um pouco mais naquele ambiente familiar em que nem a lareira, tão característica do lar português, faltava.

Rezado o terço e as orações, fez-se silêncio e cada qual recolheu ao seu leito.

António Ferreira da Silva

este testemunho salutar e confortante: Ainda há muitos homens de boa vontade!

Espontâneos, pois, como uma criança que encontrou em sua volta o respeito pelos dons divinos que adornam a infância — porquê?, de quê havíamos de ter medo?

A Verdade é toda, e só, a Luz que desejamos seguir.

A Justiça é o alvo de atracção que nos move. A Justiça-condição feliz da sociedade familiar onde o amor é realidade: os filhos unidos no Pai e na Mãe.

Por isso Deus deu a P.e Américo a vocação que uma boca de criança consagrou chamando-lhe Pai, e ensinando-nos a chamar-lhe assim.

«O padrão da Obra é a Família. Tudo o que seja regresso a Nazaré é progresso social cristão». Na verdade, foi na infância de Jesus, na Sua vida escondida, que Pai Américo encontrou as fórmulas em que havia de realizar a sua vocação. E até ao fim, o «Filho do Carpinteiro» tocou-o mais que o Cristo dos milagres.

Como o Mestre, também ele escandalizou os seus, menos abertos para o paradoxo que só a Fé resolve: a pobreza-riqueza; a pequenez-força; a insignificância-audácia; a debilidade-destemor.

A fome e sede de Justiça, amungada tantas vezes de tantos irmãos — fome e sede que se tornaram suas — foram o estímulo do arranque e o seu motor até ao fim da jornada que Deus nos chamou a prosseguir.

Da fome e sede... para a satisfação da Justiça, pelo Amor — eis o seu, o nosso programa.

Dando-se aos Pobres, mobilizou os ricos e os remediados, sem o recurso a artifícios para os atingir, mas indo directo ao que há de bom e vivo no coração dos homens, na linguagem familiar e desconsertada das crianças, que soa à Verdade e penetra fundo as consciências. Quantos (quantos? — só Deus sabe!) se abriram para a Vida porque aprenderam dele a ciência das Bem-aventuranças! Porque descobriram que eram irmãos e como tal deviam amar-se, unidos no Pai por Jesus!

Ora a Verdade viu-a ele na Igreja. A fome e sede de Justiça foi nEla que as ganhou e nEla, somente, que achou a Fonte de Águas Vivas capaz de

as saciar. Por isso a «Obra da Rua» é da Igreja. E, para que resulte inequívoca esta pertença, os «padres da rua» não têm outra ambição senão que os seus Bispos a tomem como sua, confiantes que não-de respeitar a personalidade própria desta Família, que se tem definido ao longo destes 25 anos, alimentada pelo leite maternal do Evangelho que a Mãe Igreja lhe dá; e que não-de assumir a paternidade que em seu nome nós exercemos em relação aos que Deus nos confiou.

Mas, embora dirigida a servir a «honra de Deus», a «Obra da Rua» é um serviço da Nação. Daí que tenha encontrado nela — é justo! — a aceitação que lhe permitiu realizar-se. Ao Povo não temos que pedir mais nada, que ele aprendeu, pela Obra, a alegria de colaborar na realização do Bem Comum.

Na Autoridade que governa a Nação temos de reconhecer o respeito com que sempre fomos tratados. Ainda que o nosso modo de ser, em espírito de infância, nem sempre caiba justo nos cânones tradicionais, nós reconhecemos, e agradecemos, um respeito misturado de afecto e de confiança, o qual, se nem sempre tem sido muito expressivo pela intensidade de auxílio, é inteligente na isenção com que não estorva aquilo que Deus quer — que é sempre o maior bem dos homens.

É, portanto, uma hora de dar graças ao Senhor, esta que vivemos. «Começada de pequenina, como é próprio das coisas destinadas a ser grandes», a Obra junta hoje sob as suas asas maternais, cerca de 750 almas entre Rapazes e Doentes incuráveis. Destes, quantos não terão entrado no Seio de Abraão, como o pobre Lázaro esquecido às portas dos homens, pela porta da Esperança que o «Calvário» lhes ensinou e deu, ao revelar-lhes o valor sobrenatural do sofrimento e a doçura medicinal do amor fraterno! Dos Rapazes, não andarão longe dos dois milhares, os que passaram pelas Casas do Gaiato o tempo suficiente para perceberem o dom de Família que elas são. Uns perceberam na mesma medida. Outros, menos. Alguns, nada. Mas a experiência destes anos tem-nos ensinado que nunca é em vão o que se faz em Nome

de Jesus. E de vários rapazes que em certo momento nos pareceram regressados ao lixo onde os buscáramos, temos recebido (recebemo-los muitas vezes, bendito seja Deus!) testemunhos de que a sua consciência foi tocada e aquela sementezinha boa um dia depositada nas suas almas, não morreu ainda e promete germinar.

E neste pequeno grupo dos «filhos pródigos» temos encontrado os corações mais generosos e até mais ingéniosos, que nos espantam e edificam.

Saber esperar; saber esperar a hora de cada um, estimulando, mas sem forçar a liberdade de ninguém — é uma tarefa difícil, desgastante: é a nossa tarefa. Os pais cristãos, que na diversidade dos seus filhos, nascidos da mesma carne e do mesmo sangue, alimentados espiritualmente pela mesma formação, encontram tantos escolhos e tantos espinhos — esses entendem-nos perfeitamente.

Mas, nesta hora de graças, há ainda a motivá-las o sermos tantos, já, interessados no mesmo ideal. A presença de quantos aqui estão, que por sobre a autoridade que trazem em si, significa muito pelo afecto que lhes mora nos corações — é, para nós, prémio que nos compensa e revigora.

Que a Obra não tivesse feito mais nada, o ter sido oportunidade para um dar de mãos entre tantos homens de boa vontade, alguns marcados por preconceitos contra a Igreja — e que se foram abrindo e se foram convertendo numa alegria cada vez mais conquistada do «quão bom e feliz, é viverem os homens como irmãos» — só isso que ela tivesse feito, uma só alma que tivesse salvo, e teria valido a pena!

Agradecidos ao Senhor pelo caminho que nos deu, difícil, mas apaixonante, porque vamos com Ele, quais meninos guiados pelo Irmão mais velho, Irmão que não Se engana nem nos engana — nada mais Lhe pedimos senão que sobre nas nossas pobres almas, «cheias de muitas misérias», o fogo que deu forma à paixão de Pai Américo e, como ele e com ele, até ao fim da jornada de cada um de nós, seja o ideal que nos move:

«Ir ao Senhor dar glória e honra».

«Ir ao Senhor dar glória ao Seu Nome».

todos imploremos a abundância das graças do Céu.

Agora uma palavra em especial aos leitores de Viseu. As Belenitas voltam brevemente a vender o jornal às portas das Igrejas. Muitas pessoas amigas nunca se conformaram com a sua ausência e muitas outras esqueceram-nas. Para matar as saudades das primeiras e espreitar a memória das segundas é indispensável que voltem a aparecer custe o que custar.

Que a Sagrada Família tudo disponha para que elas possam já aparecer, pela primeira vez no dia da Sua festa e com o presente jornal, que é de aniversário e, como todo o mundo, espera, sairá... «Famoso».

Inês



Que o Natal de Jesus tenha sido para o leitor fonte de Paz e causa de muita alegria, são os nossos votos.

Temos à porta a Festa da Sagrada Família. É a nossa Festa de Família. Como podia deixar de o ser se a Obra Lhe nasceu em casa, digo, na gruta, ali nas mesmas palhinhas de Jesus? Logo foi confiada à Sua especial protecção.

José, a assistência visível de Deus Pai ao Filho feito Homem, a quem entregámos os cuidados e sustento da nossa família.

Maria, Mãe de Jesus e Mãe de todos os homens — aquela que tudo escuta, que aconselha, que compreende e ajuda, como Mãe de família e Senhora da casa.

Jesus, o filho de Deus e filho

BELEM

de Maria, nosso Irmão e salvador. Aquele pelo qual Belém nasceu e cresce e se mantém; sem o qual nada subsiste. Aquele que tudo orienta para bem dos que O amam e O seguem. Aquele em quem podemos pôr a confiança sem limites que nos ensinam José e Maria.

Que a Festa da Sagrada Família seja também a Festa de Família de cada um dos nossos Benfeitores. Na Santa Missa desse dia tê-los-emos a todos bem presentes e para